Cadernos CESPUC
2º Semestre de 2018 - n. 33

Estudo formal dos verbos de ligação: natureza sintática e representação no módulo mental

Gláucia do Carmo Xavier*
Eduardo Kenedy**
Kelly de Oliveira***

Resumo

Com o presente estudo, buscou-se verificar a natureza sintática dos verbos de ligação e sua representação formal. A pesquisa motivou-se pelos pressupostos gerativistas (CHOMSKY, 1995 e posteriores) a fim de propor uma nova estrutura sintática para as sentenças com verbos de ligação. O trabalho inicia-se com uma descrição do processo de construção da natureza sintática dos verbos de ligação, uma vez que eles podem ser associados a sinônimos de verbos de alçamento, verbos de cópula e verbos inacusativos. Para se chegar a um conjunto de traços definidores dos verbos de ligação foram utilizados testes de gramaticalidade e testes de prototipicidade de inacusatividade. Quanto à representação sintática, este estudo propõe que sentenças copulativas abarquem um sintagma para *small clause* em detrimento do VP existente hoje e outro sintagma funcional para os verbos de ligação. Essa nova descrição estrutural leva em conta relações formais clássicas como c-seleção, s-seleção, atribuição de Caso e papel temático.

Palavras-chave: Verbos de ligação. *Small clause*. Tipos verbais. Natureza sintática. Representação sintática.

Formal Study of Linking Verbs: Syntactic Nature and Representation in the Mental Module

Abstract

This study explores the syntactic nature of linking verbs and their formal representation. The research was oriented by the generative framework (CHOMSK, 1995) in order to formulate a new syntactic description for sentences with linking verbs and small clauses. The article begins with a review concerning the syntactic nature of linking verbs, as they can be associated as raising verbs, copulative verbs and unaccusative verbs. To reach out a range of the defining traces of linking verbs, the research formulates some grammaticality test and some prototypicality of unaccusativity tests. As for the syntactic representation, this study proposes a new formal representation by using a lexical small clause phrase and a functional aspectual phrase for copulative verbs. This new description takes into consideration some classical formal relations as c-selection, s-selection, Case attribution and thematic role.

Keywords: Linking verbs. Small clause. Verbal types. Syntactic nature. Syntactic representation.

*Professora de dedicação exclusiva do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), atuando no Ensino Médio e Mestrado ProfEPT. Líder do Grupo de Estudo sobre Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa e Literatura (GEALI). Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (PUC-MG). Coordenadora do projeto da FAPEMIG intitulado "Verbos de ligação: Representação no módulo mental, natureza sintática e relações com o aspecto verbal".
*Doutor e mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (PosLing - UFF). Líder do Grupo de Estudos e Laboratório em Psicolinguística Experimental (GEPEX). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (nível 2, desde 2017) e Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ (desde 2013).
*Bolsista de iniciação científica da FAPEMIG no projeto "Verbos de ligação: Representação no módulo mental, natureza sintática e relações com o aspecto verbal". Aluna do curso de Letras (PUC-MG).

1 Introdução

O verbo de ligação (VL), objeto de investigação deste trabalho, está presente em sentenças naturais de várias línguas, entre elas, o português brasileiro (PB). O VL, em PB, pode ser entendido como os verbos: ser, estar, continuar, parecer, tornar-se, virar, andar, ficar, encontrar-se, viver e permanecer[1]. Comumente, os VL são associados aos verbos de alçamento, verbos de cópula e verbos inacusativos. Porém, a literatura baseada na Teoria Gerativa nem sempre é clara quanto à natureza sintática dos VL, assim como as especificidades que os VL apresentam quando comparados aos verbos de alçamento, copulares e inacusativos.

Partindo-se das lacunas existentes para conceituar o VL, esta pesquisa objetivou compreender a natureza sintática desse verbo e buscou, por meio de uma revisão da literatura, as possibilidades derivacionais. Para isso, a pesquisa propôs-se a responder às seguintes perguntas: como pode ser feita a representação formal de sentenças com VL? Verbo de cópula, verbo de alçamento e VL possuem o mesmo *status* gramatical? O VL pode ser entendido como um verbo inacusativo?

A fim de desenvolver as possíveis respostas, foi feita uma investigação com o intuito de descrever o comportamento sintático do VL, buscando uma identidade para esse verbo específico. Para isso, comparou-se o VL com outros verbos, pois, por vezes, ele é considerado de maneira equivalente a verbo de alçamento, verbo de cópula ou verbo inacusativo.

A pesquisa empreendida foi desenvolvida em três momentos distintos: a) pesquisa bibliográfica, b) testes de prototipicidade de inacusatividade e testes de gramaticalização, e c) representações derivacionais do VL no módulo mental. Em todos os três momentos, a pesquisa foi ancorada nos pressupostos minimalistas (CHOMSKY, 1995).

Este artigo é um espelhamento da investigação. Dessa forma, ele se apresenta também em três momentos. A primeira parte, teórica, é construída por meio de tópicos que demonstram características semelhantes e distintas entre o VL e, respectivamente, o verbo de alçamento (HENRIQUES, 2008), cópula (OLIVEIRA, 2001) e inacusativo (CIRÍACO; CANÇADO, 2004), no português brasileiro (PB).

A segunda parte corresponde à metodologia implementada na pesquisa e que consistiu de análise de dez sentenças, uma para cada VL. Na segunda parte do artigo, essa análise, pelas quais passaram as sentenças, descreve os resultados do teste de gramaticalização e do teste de verificação de inacusatividade, este, à luz de Ciríaco e Cançado (2004). Também foram construídas tabelas sobre diferenças e semelhanças em relação às características sintáticas e semânticas das quatro tipologias verbais. A partir disso, foram identificados níveis de prototipicidade do VL e relações entre ele e os demais tipos verbais pesquisados.

A terceira seção deste trabalho apresenta a possibilidade de uma nova estrutura sintática para sentenças que apresentam VL com *small clause*. Sabendo que o VL não é um predicador (KATO; NASCIMENTO, 2015) e, por isso, não poderia selecionar argumentos e atribuir a eles papel temático, o sintagma verbal foi, assim, substituído por outro sintagma, também

1 Travaglia (2004) sugere 17 verbos de ligação. Acrescentam-se, na visão do autor, aos verbos considerados como VL, nesta pesquisa, os seguintes verbos: acabar, achar, apresentar-se, deixar, fazer, mostrar, passar, tomar, tratar-se. O autor não reconhece como verbos de ligação: tornar-se, virar, encontrar-se.

funcional. A sugestão feita neste trabalho considera os pressupostos minimalistas da Teoria Gerativa, respeitando relações de c-comando. Como forma de demonstrar a representação do VL no módulo mental, a pesquisa utilizou-se de indicadores sintagmáticos, como representação das sentenças, no momento da derivação desses tipos verbais.

Com os resultados da análise, observou-se que o VL apresenta características em comum com os outros verbos citados nesta investigação (KATO; NASCIMENTO, 2015). No entanto, ele não pode ser considerado sinônimo dos verbos de alçamento, de cópula e inacusativos, uma vez que estes demonstram comportamentos distintos em diversas situações, como serão vistas ao longo deste artigo.

1.1 Verbo de ligação- uma análise introdutória

Tradicionalmente, os verbos de ligação são conhecidos por expressar "estados permanentes, estados transitórios, mudanças de estado, continuidade de estado e aparência de estado" (OLIVEIRA, 2001, p. 17). Isso faz com que a estrutura de uma sentença com VL seja diferente da estrutura de uma sentença com verbos transitivos e intransitivos. Para Travaglia (2004), os VL não indicam situações, eles atribuem um estado ou característica a um ser, no caso, o sujeito da sentença. Por essas razões, Travaglia nomeia os VL de verbos funcionais.

Como verbos funcionais, Travaglia (2004) associa o VL aos verbos auxiliares e semiauxiliares. Para ele, o VL pode ter (1) o *status* de marcador (marca tempo, voz, modalidade e aspecto), (2) o *status* de indicador, por atuarem como "item relacional entre dois elementos da cadeia linguística" (TRAVAGLIA, 2004, p.1319) ou (3) *status* de verbo funcional, como aquele que não apresenta circunstâncias, mas "apresenta um papel nitidamente gramatical, ou seja, de significação interna à língua" (TRAVAGLIA, 2004, p.1318).

Sobre a natureza sintática dos VL, sabe-se que eles não selecionam argumento externo e, como argumento interno, selecionam uma *small clause* (MIOTO, 2003). Numa sentença como "Liza é pequena", a *small clause* é representada por "Liza pequena" e seria selecionada pelo VL. Como o VL não seleciona argumentos, apenas *small clause*, ele não é o predicador da sentença.

Assim como Travaglia (2004) denomina o VL como verbo funcional, outros autores (MIOTO, 2003; OLIVEIRA, 2001; MARCHESAN, 2005; KATO & NASCIMENTO, 2015, HENRIQUES, 2013; CIRÍACO & CANCADO, 2004) caracterizam o VL como verbos de alçamento, verbos de cópula ou verbos inacusativos, construindo, entre o VL e os demais, uma relação de equivalência. Portanto, para construir neste artigo a identidade do VL, verificou-se que é necessário apresentar os conceitos dos demais verbos com o objetivo de construir relações de pertencimento, ou não, à mesma categoria. Para isso, nos três tópicos seguintes serão apresentados os conceitos dos verbos de alçamento, copulares e inacusativos. Ao final da primeira seção, serão apresentadas as comparações entre o VL e os três verbos estudados.

1.2 Verbo de alçamento

A expressão "verbo de ligação" é comum em gramáticas e livros didáticos. Já na literatura linguística, não raro, o VL tem sua designação substituída por verbo de alçamento, tratando-os como sinônimos. Assim, o ponto de partida neste primeiro tópico, de diferenciação do VL e demais verbos, dá-se por meio de uma definição consensual entre autores que abarcam a Teoria Gerativa como quadro teórico. Segundo Kato e Nascimento (2015, p. 51) e Henriques (2008, p. 7), verbos de alçamento são uma expansão dos VL.

De acordo com Kato e Nascimento (2015, p. 52), "verbos cujo sujeito é argumento de um outro predicador são, assim, chamados de verbos de alçamento". Ainda para os autores, os verbos de alçamento englobam os VL e, também, os verbos auxiliares, "já que eles não estão associados a papéis temáticos e seus sujeitos são argumentos do verbo 'principal'". Nesse caso, somam-se aos verbos auxiliares, os verbos modais "poder" e "dever".

Nesse sentido, em relação às características em comum, tanto os VL quanto os verbos de alçamento envolvem ora o chamado alçamento do Sintagma Determinante (DP), ora o chamado Princípio da Projeção Estendido (EPP), o qual envolve a movimentação do DP para a posição de sujeito em uma estrutura sintática, recebendo, portanto, Caso nominativo. Para esclarecer esse movimento, Henriques (2008, p. 10-11) anuncia que a construção do alçamento do DP se caracteriza como "sujeito da oração encaixada para a esquerda do verbo de alçamento."

De acordo com Henriques (2013, p. 5), oito verbos são classificados como sendo de alçamento: "parecer, acabar, bastar, convir, custar, demorar, faltar e levar"[2]. É possível fazer a comparação com o VL, uma vez que os verbos "acabar, bastar, convir, custar, faltar e levar" não são verbos de ligação. Para o autor, esses verbos "selecionam um argumento interno, representado por uma oração, e apresentam, à sua esquerda, um expletivo nulo" (HENRIQUES, 2013, p. 3). Visando à ampliação desta seção, serão apresentadas algumas classificações do verbo de alçamento que se enquadram como: (1) alçamento padrão, (2) alçamento de clítico, (3) hiperalçamento, (4) alçamento de tópico e (5) estruturas sem alçamento.

O alçamento padrão, de acordo com Henriques (2013, p. 12), ocorre quando "o verbo na forma infinitiva exige o movimento do DP para a posição de especificador de parecer, onde o DP recebe Caso nominativo da flexão". Esse tipo de construção parece estar em extinção e restringe-se ao dialeto de indivíduos mais velhos. Para o autor, a falta de preferência pelo alçamento padrão é "consequência da mudança na representação dos sujeitos referenciais na gramática brasileira". A seguir, considera-se um exemplo de estrutura com o alçamento padrão:

1) As amigas da Liza parecem não jogar.[3]

Quando o DP sujeito da encaixada é alçado como um clítico, cliticizando-se, por exemplo, a "parecer", tem-se o chamado alçamento clítico. Nessa estrutura, o sujeito não é alçado, então, para a posição Spec TP e apresenta expletivo nulo. Para ilustrar, considera-se o seguinte exemplo:

2 Esta investigação levará em conta, inicialmente, como verbos de alçamento, os oito verbos citados, uma vez que se baseará nos estudos de Henriques (2013).
3 Os exemplos foram criados pelos autores baseados nos exemplos de Henriques (2013).

2) Pareceu-me ouvir o hino do Brasil sendo tocado pela Liza.

Existe, ainda, a distinção entre as subclassificações de hiperalçamento, hiperalçamento aparente (chamada, também, de alçamento de tópico) e hiperalçamento de sujeito e de tópico. O hiperalçamento, também referenciado como alçamento do sujeito da encaixada, é tratado da seguinte maneira:

> Na interpretação dos autores, dentro da abordagem minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros (cf. Chomsky 1992), o enfraquecimento da morfologia verbal no PB permite que uma sentença finita (T finito) atribua Caso "opcionalmente". Quando T(ense) da encaixada é defectivo, não podendo atribuir Caso nominativo ao seu especificador, este é alçado para a posição de especificador de T da sentença mais alta, onde o Caso é "checado". Em outras palavras, devido à "falha" na checagem de Caso na oração encaixada, o DP argumento externo é alçado para a posição de Spec TP da matriz (HENRIQUES, 2013, p. 13).

Uma instância de hiperalçamento aparente tem o deslocamento à esquerda dentro da oração encaixada como origem. Essa alegação pode ser verificada no exemplo a seguir:

3) Parece que as meninas elas jogam.

Sobre construções de hiperalçamento de sujeito ou de tópico é proposto que

> em estruturas com sentenças impessoais, como é o caso de parecer, pode haver uma competição entre T da matriz e da encaixada para atribuição de Caso. Em geral, T da encaixada vence, por ser mais local. Se, entretanto, ele recebe Caso inerente do predicado da matriz, o sujeito ou o tópico da encaixada pode se mover para Spec T da matriz, produzindo construções de hiperalçamento de sujeito ou de tópico. (HENRIQUES, 2013, p. 13)

Para dissertar sobre o Alçamento de tópico, duas proposições são consideradas. A primeira delas reflete sobre o caráter de o PB apresentar a topicalização e deslocamento à esquerda do sujeito. A segunda proposição baseia-se na proposta de Kato (1999), a qual alega que no PB é permitida a alternância entre um pronome fraco e um pronome nulo em Spec TP. Portanto, para apresentar o alçamento de tópico, ora será exibido um sujeito nulo na encaixada, que, de acordo com Henriques (2013, p. 14), é o produto do alçamento de um sujeito topicalizado, ora um pronome fraco, "fruto de uma construção do determinante do sujeito, o que se vê nas nossas análises de língua oral, especialmente nas primeira e segunda pessoas, em que o processo de realização fonética do sujeito já se encontra mais avançado". Vejamos, pois, as estruturas abaixo:

4) As meninas parecem que não jogam.

5) As meninas parecem que elas não jogam.

Nas estruturas sem alçamento, é possível verificar verbos cujo complemento é um CP e um InfP, respectivamente, a seguir:

6) Acabou que as meninas foram.

7) (Só) faltou as meninas chegarem um pouco mais tarde.

Ainda sobre características que demonstram as singularidades entre os dois verbos: VL e de alçamento, Henriques (2008, p. 7) alega que "dentro do quadro teórico da sintaxe da gerativa, (o alçamento[4]) refere-se ao fato de que verbos como parecer e acabar selecionam apenas um argumento oracional". Em relação à seleção de apenas um argumento oracional, acredita-se que o VL não seleciona um argumento, mas, sim, uma *small clause* (SC), conforme afirmam Kato e Nascimento (2015, p. 135). A sentença "A Maria *está* grávida (...) seleciona como complemento uma minioração (SC), no sentido de que se tem um argumento (Maria) e um predicador (grávida)" (KATO e NASCIMENTO, 2015, p. 135).

Na comparação entre os dois tipos verbais nesta seção, não se pode afirmar que VL tenha o mesmo conceito de verbos de alçamento. Os VL, diferentemente dos verbos de alçamento, selecionam *small clause* e não podem ser sinônimos dos verbos modais e auxiliares. Os verbos de alçamento englobam uma classificação maior de verbos.

1.3 Verbos de cópula

Um dos autores que trouxe primeiramente o conceito de verbo de cópula foi Higgins (1976). Ele apresenta classificação detalhada, porém complexo, para a composição da cópula. Ele defende que haja quatro tipos de frases que a compõe: (1) predicativas, (2) identificacionais canônicas, (3) especificacionais e (4) identificacionais.

Segundo Higgins (1976), as frases com verbos copulares apontam que o sujeito é tipicamente definido e o predicativo não é referencial, ou seja, não ocupa a posição de sujeito. Assim, não pode haver reversibilidade entre os termos que compõem a estrutura da sentença. O autor afirma que, no inglês, o predicativo pode ser recuperado por meio dos pronomes neutros ingleses *which* ou *what*. Em tradução para o PB, a frase tipicamente predicativa para Higgins (1976) poderia ser apresentada da seguinte maneira:

8) Liza é uma aluna falante, coisa que você não é.[5]

9) O que Liza é é uma estudante esperta.

10) Ele é mais bagunceiro que a Liza.

Frascarelli e Ramaglia (2009, p. 2) apresentam conceitos semelhantes para verbos copulares, baseiam-se em Higgins (1976) e exemplificam as frases predicativas com:

11) What Jonh is is a teacher.

12) His supper is food for the dog.

Já as frases identificacionais canônicas são marcadas por um sujeito dêitico o qual pode ser um nome próprio, uma expressão definida ou um grupo nominal indefinido. Esses sujeitos são respostas adequadas à questão "Quem é aquele?". O sujeito não poderá ser uma expressão

4 Inserção dos autores.
5 Com exceção aos exemplos 11 e 12, os demais foram criados pelos autores baseados nos exemplos de Higgins (1976).

definida (OLIVEIRA, 2001), conforme os exemplos abaixo:

13) Aquela é uma menina.

14) Aquela menina é a Liza.

As frases especificacionais são as que têm sujeito e predicativo sem estatuto referencial. No inglês, elas são exemplificadas por *it* e não por *he* ou *she*. As frases especificacionais podem ter reversibilidade, como o exemplo 9, 15, 16 e 17.

15) Sua função é marcar o tempo.

16) O cargo é para corretor de redação.

17) O seu novo emprego é vender carros. Vender carros é o seu novo emprego.

Por fim, frases de identidade são aquelas que têm uma extensão menor, as especificacionais e as identificacionais não são incluídas nesse grupo. Para Higgins (1976), as frases de identidade não podem ser passíveis de reversibilidade, tal como em:

18) O presidente do Brasil não é o presidente da França.

Como se viu, a taxonomia de Higgins (1976) para definir os verbos de cópula parece abrangente e completa, já que é repleta de classificações, entretanto apresenta fragilidades. As nomenclaturas não apresentam diferenças claras entre si o suficiente para que o leitor consiga criar exemplos diversos, fica-se muito limitado a exemplos trazidos pelo autor. O exemplo 9, como se nota, demonstra que o autor é referencial, isso apontaria uma incoerência. O exemplo 10 parece ser passível de reversibilidade, mas, para o autor, não é. Além disso, há testes que só "parecem aplicáveis ao inglês, como é o caso, por exemplo, do pronome neutro *it*" (OLIVEIRA, 2001, p. 13).

Complementando os estudos, Matos (1985) e Mateus *et al* (1989), a partir de Higgins (1976), trazem para o português brasileiro uma noção de cópula. As noções apresentadas por essas autoras são relacionadas às de Heycock (1994) para o inglês. Para elas, o conceito de cópula está associado a uma noção (1) predicativa ou (2) identificacional e não mais a quatro noções como as apresentadas por Higgins (1976).

De forma sucinta, o sentido de uma cópula predicativa tem a ver com a atribuição de uma propriedade a um argumento e com construções equativas, em que os elementos, na construção copulativa, apresentam o mesmo valor de verdade. Por serem equativas, as predicativas podem ter a habilidade de reversibilidade. Já a cópula identificacional tenta estabelecer a identidade entre dois argumentos. Na cópula identificacional, as expressões nominais precisam ser descrições definidas.

As autoras afirmam que o verbo "ser" é um suporte a marcas aspectuais e que há diferenças entre "ser" e "estar" quanto ao aspecto. Em Mateus *et al* (1989), essas noções de aspecto somam-se às noções de verbos copulativos nos seguintes casos:

19) Liza é loira,

nota-se uma propriedade aspectual com traço semântico de atelicidade, uma vez que há o traço de [+permanente] e [+inerente]. Já em outro exemplo:

20) Liza está loira

expressa-se um estado de coisas temporalmente limitada, com traços semânticos de telicidade [+limitado] e [+acidental].

Essas noções demonstram que, numa Rede Aspectual, conforme denominam Moens e Steedman (1988), os verbos de estados podem ter aspectos de estado habitual, estado consequente, estado progressivo e estado lexical. Nessa perspectiva, o verbo "ser" representaria um estado lexical com apresentação de propriedades e o verbo "estar", um estado consequente ou resultante, assim como o exemplo abaixo, com o verbo de ligação "tornar-se".

21) Liza tornou-se bailarina.

Como se observa, "tornar-se" é um verbo que, assim como "estar", apresenta traços semânticos de telicidade.

Oliveira (2001), após longo estudo sobre verbos de cópula no português brasileiro, postula que verbos copulares predicativos respondem à pergunta "como é X?". Para isso, a exigência é que o elemento pós-copular seja um sintagma adjetival, conforme exemplo a seguir:

22) Liza é (muito inteligente).

Já as sentenças copulares identificacionais respondem às perguntas "quem é X?", "o que é X?". Nesses casos, o elemento pós-copular será sempre um sintagma nominal, como em:

23) A protagonista da novela é (Liza).

Oliveira (2011, p. 67-68), após densa pesquisa sobre verbos de cópula, define que eles têm as seguintes características:

a) Não impõem restrição de seleção semântica ao sujeito estrutural;

b) Não impõem restrição de seleção categorial ao elemento "predicativo";

c) Selecionam como argumento interno uma *small clause*;

d) São um elo entre sujeito e predicativo do sujeito;

e) Permitem a reversibilidade;

f) Apresentam conteúdo semântico vazio;

g) Carregam apenas marcas flexionais de tempo, aspecto, modo e concordância;

h) Não apresentam qualquer tipo de transição de classe aspectual.

A autora conclui em seu trabalho que o único verbo de cópula em português brasileiro é o verbo "ser". Para ela, os verbos copulares são semanticamente vazios, porém, observando os

verbos "estar, andar, torna-se, ficar, permanecer, continuar e parecer", vê-se que não são apenas funcionais, já que carregam noções aspectuais de duração e iteração, conforme defendem Matos (1985) e Mateus *et al* (1989).

Os verbos copulares, na maioria das vezes, também não permitem a irreversibilidade como em:

24) O lustre parece cristal.

25) O cristal parece lustre.

As sentenças (16) e (17) não funcionam como verdadeiras equativas. O sujeito de cada sentença apresenta referentes diversos. O DP designa entidades diferentes, assim o sentido pode não ser o mesmo após a inversão.

Conclui-se que os VL apresentam diversas características da cópula, mas nenhum deles, com exceção do verbo "ser", preenche todos os requisitos. Nota-se que há interseções entre traços dos verbos copulares e traços dos verbos de ligação. No entanto, não se pode afirmar que eles são sinônimos.

1.4 Verbos inacusativos

Nos dois tópicos anteriores, foi verificado que verbos de alçamento e verbos de cópula possuem características similares às do VL, ainda assim, eles não podem ser considerados equivalentes. Este último tópico, da seção teórica do artigo, abordará os verbos inacusativos, pois o VL é, geralmente, considerado inacusativo. Mas será que a classe dos verbos inacusativos é composta apenas por VL? Esses dois tipos verbais podem ser considerados sinônimos?

No caso de sentenças que apresentam Sintagma Verbal, há subcategorias como: verbos transitivos, inergativos e inacusativos. De acordo com essas subcategorias, diferentes argumentos são selecionados. Os verbos transitivos são aqueles que selecionam argumento externo e um ou dois argumentos internos. Já os verbos inergativos e inacusativos apresentam apenas um argumento. Os inergativos selecionam apenas argumento externo e os inacusativos apenas argumento interno.

Os verbos inacusativos, como, por exemplo, os verbos presentes em "Chegou a primavera", só selecionam um argumento interno e apresentam apenas argumento com papel temático de paciente. Além disso, esse argumento nunca poderá ser marcado como Caso acusativo, ou seja, não poderá ocorrer sob a forma de pronomes oblíquos, se for levada em conta a nomenclatura da gramática normativa.

Teoria relevante sobre os verbos inacusativos é a Teoria da Generalização de Burzio. Nela, na falta do sujeito, o objeto recebe Caso Nominativo. Isso porque toda sentença precisa de um sujeito para satisfazer o EPP. Assim, no caso de construções inacusativas, por exemplo, que não há sujeito, o objeto ocupa essa posição. A Teoria da Generalização de Burzio afirma que o caso não marcado favorece o Nominativo, pois é o caso menos marcado. Essa Teoria contribui para o entendimento dos verbos inacusativos e as movimentações de objeto para a posição de sujeito (WOOLFORD, 2003).

Entretanto, a classe dos inacusativos é mais complexa do que se pode imaginar. Observa-se que a inacusatividade não é demarcada por delimitação rígida, mas por uma classificação prototípica. Inicialmente, a classe dos inacusativos é composta por verbos monoargumentais e que apresentam apenas argumento interno. Há inúmeros outros verbos que não são considerados intransitivos, pela noção da gramática normativa, mas são monoargumentais, como é o caso dos verbos de ligação, objeto de estudo deste trabalho. Em exemplos como "Liza é alegre", nota-se que o verbo "ser" não seleciona argumento, ele representa apenas uma categoria funcional e tem a função de indicar à sentença noções de tempo, aspecto, número e pessoa. O que ocorre, na verdade, é que "Liza" é argumento de "alegre". Esse é um caso em que o predicador não é um verbo (XAVIER, 2016).

Portanto, quando se têm verbos que não selecionam argumento, mas a sentença apresenta sujeito, sabe-se que o sujeito não foi selecionado pelo verbo, dando a ele uma característica inacusativa. Nesses casos, o item lexical que ocupa a posição de sujeito de verbos de ligação não é argumento externo desse verbo (MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 152). Nessa abordagem, os conceitos de alçamento de Kato e Nascimento (2015) parecem ser os mesmos do conceito de inacusativos de Mioto, Silva e Lopes (2013). Tanto que esses últimos também consideram os modais e auxiliares como inacusativos.

Como o verbo inacusativo não seleciona argumento externo, outra característica é poder aceitar vários tipos semânticos de sujeito, uma vez que o item lexical está apenas ocupando a posição de sujeito, mas não satisfazendo a exigência de seleção de argumento com atribuição de papel temático. Essa característica também é semelhante para os verbos copulativos. Mioto, Silva e Lopes (2013, p. 152) exemplificam com o verbo costumar em:

26) Aquela menina costuma passear no frio.

27) Pedras costumam rolar pela montanha.

28) A bondade costuma ser escassa em tempos de crise.

29) Costuma chover nesta época do ano.

Uma vez que o verbo "costumar" não atribui papel temático a nenhum argumento externo como o de agente, com traços semânticos característicos desse papel temático como (+humano) ou (+ animado), vê-se que o fato de o verbo não selecionar argumento externo com traços específicos é um indício de que um verbo inacusativo "não reage à troca de seu sujeito por outros de tipos semânticos variados" (MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 152). A diferença pode ser constatada quando se substitui um verbo inacusativo por outro que seleciona argumento externo (inergativo ou transitivo). Mioto, Silva e Lopes (2013, p. 152) mostram isso em:

30) Aquela menina odeia passear no frio.

31) * Pedras odeiam rolar pela montanha.

32) * A bondade odeia ser escassa em tempos de crise.

33) * Odeia chover nesta época do ano.

O comportamento de não selecionar argumento externo também se amplia a verbos como parecer, convir, constar, obstar, haver, entre outros. Esses são verbos que não suportam nenhum tipo de argumento externo (MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 147):

34) Parece que a Maria enfrenta os problemas com coragem.

35) Há dinossauros neste parque.

Mesmo quando em exemplos como o (32) em que o complemento for uma sentença infinitiva, com a presença de dois verbos, um na forma finita e outro na forma infinitiva, vê-se que não é possível fazer uma análise única, como se fosse uma locução verbal (MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 147; p. 149):

36) A Maria parece enfrentar os problemas difíceis com bravura.

37) A Maria deseja enfrentar os problemas com coragem.

Em casos como os mostrados acima, há uma diferença significativa entre os dois exemplos: em (35) "Maria", apesar de ser sujeito do verbo "parece", não é argumento externo dele, pois o verbo não atribui papel temático à "Maria". Diferente a isso, ocorre em (36), quando se classifica que "Maria" é argumento externo de "deseja". O verbo "desejar" seleciona um argumento externo com papel temático de experienciador e isso pode ser comprovado ao se tentar trocar "Maria" por outra palavra com traços semânticos distintos como: a pedra, a felicidade, etc. Já em (35), o verbo não seleciona nenhum argumento externo e, consequentemente, não atribui a ele papel temático. Isso pode ser comprovado com a inserção de outros itens lexicais, com traço semântico diferente, na posição de sujeito do verbo "parecer" (MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 149):

38) O cachorro parece gostar do patrão.

39) A pedra parece pairar no vazio.

40) A felicidade parece ter acabado.

41) Parece chover na ilha.

Os verbos modais (parecer, poder, dever, ir) também fazem parte da classe dos verbos inacusativos, pois, assim como os verbos, chamados de ligação, eles não atribuem papel temático, apenas apresentam os traços formais da sentença. Nessa situação, o argumento externo do verbo principal ocupará a posição de sujeito da sentença para satisfazer o Princípio EPP e não para que o papel temático seja atribuído. Um exemplo seria (MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 153):

42) A Maria deve trazer a mochila dela.

Considerando o mesmo raciocínio, há os complementos de verbos modais e verbos de ligação que são expressos com o gerúndio ou os verbos "ter e haver" com particípio. Mioto, Silva e Lopes (2013) chamam esses dois complementos (gerúndio e particípio), que podem ser vistos abaixo, de inacusativo aspectual.

43) Maria anda chorando (MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 156).

44) Maria havia chorado.

Por fim, os autores afirmam que (2013, p. 157-158) "as SC selecionadas como complemento de um verbo inacusativo são de complexidade variada", seguem algumas demonstrações:

45) Viver é lutar.

46) Parece verdadeiro que a Maria é corajosa.

O foco desta pesquisa são os VL com *small clause*. Todavia, considera-se importante a explanação anterior para verificar a complexidade da categoria verbal dos inacusativos, conforme Mioto, Silva e Lopes (2013) defendem. Por isso, neste tópico, foram observadas diferentes situações em que VL e inacusativos aparecem. Nessas situações apresentadas, os VL foram considerados inacusativos, pelo fato de não selecionarem argumento externo.

Visto isso na seção teórica, este trabalho, em um segundo momento, buscou verificar se os VL poderiam ser considerados sinônimos dos inacusativos, em todas as circunstâncias, como afirmam os autores nos estudos sintáticos formalistas. Para tanto, foram elaborados testes e tabelas que serão apresentados e discutidos na segunda seção deste artigo.

2 Por uma metodologia para o estudo da natureza sintática do VL

Esta segunda seção da pesquisa abarca a metodologia utilizada. Como o objetivo principal desta investigação foi descrever as propriedades sintáticas do VL, a pesquisa empreendida é de natureza empírica e descritiva. A investigação buscou descrever o comportamento sintático dos VL, à medida que enumerou as propriedades típicas do comportamento desse verbo e à medida que propôs uma nova estrutura sintática para os VL.

Como as teorias tradicionais gerativistas indicam que há três tipologias verbais (verbos de alçamento, de cópula e inacusativos) as quais, comumente, são consideradas sinônimas dos VL, traçou-se aqui um percurso para testar as semelhanças e as diferenças entre os diferentes tipos de verbos. Para isso, a investigação fez uso de dois testes: o de prototipicidade de inacusatividade, baseado na pesquisa de Ciríaco e Cançado (2004), quando investigaram as propriedades típicas do comportamento inacusativo em comparação ao comportamento inergativo; e o teste de gramaticalidade, que objetivou avaliar se a posposição do sujeito em sentenças com VL podem ser consideradas naturais para o falantes do PB.

Para o desenvolvimento desta seção, inicialmente, oito testes de inacusatividade foram feitos, tendo seus devidos resultados registrados na tabela a ser apresentada à frente; sendo cinco testes, à luz da teoria de Ciríaco e Cançado (2004), e três testes, de acordo com as propostas de Mioto, Silva e Lopes (2004) e Nascimento (2002). As sentenças com os verbos "ser, estar, continuar, parecer, ficar, viver e virar" foram retiradas do banco de dados do NURC[6] (Projeto da Norma Urbana Oral Culta), enquanto as sentenças com os verbos *encontrar-se*, *permanecer*

6 O Projeto NURC teve seu início em 1969, com o propósito de documentar e estudar a norma falada culta de cinco capitais brasileiras.

e *andar* foram criadas pelos autores, com o intuito de verificar todos os verbos indicados na introdução deste trabalho. Segue, abaixo, a listagem das sentenças utilizadas nos oito testes:

a) A casa deles era uma atração também?

b) Os meninos estão nessa escola aqui atrás.

c) Os meninos continuam na roda.

d) Angélica parece um pouco mais nervosa e cansada do que no mês passado.

e) As crianças ficaram doidas lá atrás da cobra.

f) Ele vive cansado.

Virou filósofo.

Ele encontra-se abatido depois da demissão.

Ele permaneceu sentado.

Ele anda cansado ultimamente.

A seguir, tem-se a tabela, em que cada coluna representa um teste feito. O sinal (-) demonstra que os verbos de ligação listados não passaram nos testes, o que não significa que não apresentem propriedades inacusativas. O sinal (+) indica que o VL demonstrou comportamento favorável ao teste aplicado. Cada teste será explicado após a exposição da tabela.

Tabela 1- Teste de prototipicidade de inacusatividade em verbos de ligação[7]

VERBO	TESTE 1	TESTE 2	TESTE 3	TESTE 4	TESTE 5	TESTE 6	TESTE 7	TESTE 8
	O QUE X FEZ FOI	ASPECTO "Por 15 minutos"	POSPOSIÇÃO DO SUJEITO	INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO	PARTICÍPIO ABSOLUTO	FORMAÇÃO DE NOMINAIS EM [-OR]	AVB → BV	VB (PA) → AVB
SER	-	-	-	-	-	-	-	-
ESTAR	-	-	-	-	-	-	-	-
CONTINUAR	-	-	-	-	-	-	-	-
PARECER	-	-	-	-	-	-	-	-
FICAR	-	-	-	-	-	-	-	-
VIVER	-	-	-	+[7]	-	-	-	-
VIRAR	-	-	-	-	-	-	-	-
ENCONTRAR-SE	-	-	-	-	-	-	-	-
PERMANECER	-	-	-	-	-	-	-	-
ANDAR	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pelos autores

7 Foi possível formar as sentenças: Vive-se uma vida intensa e Vivem uma vida intensa.

2.1 Testes de prototipicidade de inacusatividade na perspectiva de Ciríaco e Cançado (2004)

A tabela 1 demonstra os resultados dos oito testes feitos. Cada uma das dez sentenças selecionadas para a pesquisa foi testada, seguindo os comandos de cada proposta. As discussões relativas aos testes de 1 a 5 serão expostas adiante:

I) Teste 1

O primeiro teste, em que se perguntava: "o que X fez foi" é sugerido, pela primeira vez, por Jackendoff (1972). Nesse teste, o sujeito ocupa a posição de X e o verbo aparece em sua forma agentiva. Já se sabe que o VL não tem propriedade agentiva, uma vez que o sujeito não é agente e o verbo não expressa ação, mas estado.

No entanto, Ciríaco e Cançado (2004) apontam que o teste "o que X fez foi", sugerido por Jackendoff (1972), evidencia que, em verbos monoargumentais, como é o caso de inacusativos, inergativos e VL, o agente também pode ter papel temático de afetado, "pois só existe um argumento que desencadeia o processo em si mesmo" (CIRÍACO & CANÇADO, 2004, p. 2014). Para as autoras, o papel temático de agente, do argumento em "João correu" ou "João nadou" (CIRÍACO; CANÇADO, 2004, p. 2014), de alguma forma, pode ser entendido como afetado porque, nas ações, há a mudança de estado. Assim, as autoras julgam que os argumentos de verbos monoargumentais podem ter papel temático de afetado, mas apenas os argumentos dos verbos inergativos podem ter o papel temático de agente. Portanto, o teste "o que X fez foi" só será um resultado positivo com verbos inergativos.

Após a aplicação do teste em todas as dez sentenças desta pesquisa, notou-se que todos os VL apresentaram um resultado prototípico inacusativo, pois tiveram o sinal (-) para o perfil de inergatividade. Tomando as frases (b) "O que os meninos fizeram foi estar nessa escola aqui atrás" e (c) "O que os meninos fizeram foi continuar na roda", a fim de comprovar o resultado típico do comportamento inacusativo desses verbos, é possível perceber que os VL não apresentam sujeitos com papel temático de agente.

Os VL são estruturas de estado e o termo que ocupa a posição de sujeito desses verbos apresenta um grupo de propriedade de afetado, porém o teste demanda uma estrutura de sujeito com papel temático de agente. Nesse sentido, o VL se assemelha ao verbo inacusativo, já que nenhum dos dois apresentam sujeito com papel temático de agente.

II) Teste 2

No segundo teste, o acréscimo de "por 15 minutos" atribui uma ideia de telicidade, ou seja, de uma ação que tende a um fim. VL têm natureza atélica, uma vez que são verbos de estado e não verbos que indicam o ponto final de uma ação. Com isso, percebe-se que, quando os VL estão na forma perfectiva, a sentença é aceita de maneira natural, como em:

(e) As crianças ficaram doidas lá atrás da cobra. (forma perfectiva)

(i) Ele permaneceu sentado. (forma perfectiva)

Porém, quando estão em forma imperfectiva, como apontam os resultados de *ser*, *estar*, *encontrar-se e andar*, o verbo não demonstra característica inacusativa. Essas afirmações podem ser comprovadas a partir das seguintes frases:

47) *A casa deles era uma atração também por 15 minutos? (forma imperfectiva)

48) *Os meninos estão nessa escola aqui atrás por 15 minutos. (forma imperfectiva)

49) *Ele encontra-se abatido depois da demissão por 15 minutos. (forma imperfectiva)

50) *Ele anda cansado ultimamente por 15 minutos. (forma imperfectiva)

A inserção da expressão "por 15 minutos" torna a sentença agramatical, pois os VL demonstram estado e este adjunto adverbial só poderia acompanhar um verbo que indique uma situação. No caso da sentença (49), há outro advérbio de tempo: "ultimamente". Porém, não é esse advérbio que impossibilita a gramaticalidade da sentença. Mesmo que o advérbio fosse retirado, deixando apenas o adjunto adverbial do teste, a sentença continuaria agramatical porque "por 15 minutos" é que não se mostra compatível com VL. Assim, o teste 2 não indica semelhança entre VL e verbo inacusativo.

III) Teste 3

O terceiro teste refere-se à posposição do sujeito, em que verbos como "ser, estar, continuar, parecer, ficar, viver, virar, encontrar-se, permanecer e andar" (sentido de estar), não se mostraram inacusativos prototípicos, conforme observa-se a seguir:

51) (?)Era uma atração também a casa deles?

52) (?)Estão, os meninos, nessa escola aqui atrás.

53) (?)Continuam na roda os meninos.

54) (?)Parece, Angélica, um pouco mais nervosa e cansada do que no mês passado.

55) (?)Ficaram, as crianças, doidas lá atrás da cobra.

56) (?)Vive ele cansado.

57) (?)Virou, ele, filósofo.

58) (?)Encontra-se, ele, abatido depois da demissão.

59) (?)Permaneceu, ele, sentado.

60) (?)Anda, ele, cansado ultimamente.

Embora a frase "virou filósofo" tenha sido coletada com o verbo na posição inicial da sentença, "virar" não se mostra prototípico no teste de posposição do sujeito, devido à ausência do sujeito em sua estrutura. Para que o teste fosse concluído, foi necessário acrescentar o sujeito "ele" em

sua estrutura, formando, assim, a frase "Ele virou filósofo". Ao aplicar o teste, percebe-se que a estrutura "Virou, ele, filósofo" não é natural para os falantes do PB.

Em relação às demais sentenças, ao lê-las, é possível observar pouca naturalidade no seu uso. O que se percebe é que elas podem ser mais comuns na escrita, em situações de criação de frases, mas não em situação de fala espontânea. Nesse sentido, os VL não passam nos testes de prototipicidade de inacusatividade, em relação à posposição do sujeito.

IV) Testes 4 e 5

Os dois últimos testes baseados em Ciríaco e Cançado (2004), sobre indeterminação do sujeito e particípio absoluto, obtiveram resultados não prototípicos para comportamento inacusativo. Como esperado, a indeterminação do sujeito e o particípio absoluto não foram aceitos pelos VL. A falta de aceitabilidade no teste de indeterminação representa uma característica em comum entre os verbos inacusativos e os verbos de ligação, pois, de acordo com as autoras, é esperado que "a indeterminação seja aceita apenas pelos verbos inergativos" (CIRÍACO, CANÇADO, 2004, p. 219).

Seguem os exemplos:

61) *Permanece-se sentado

62) *Virou-se filósofo

Em relação ao teste do particípio absoluto, esse teste distingue os verbos inacusativos dos VL. Afinal, "o particípio é considerado, inclusive, um diagnóstico mais preciso para a constatação da inacusatividade" (CIRÍACO; CANÇADO, 2004, p. 219). As frases, a seguir, exemplificam a afirmação.

63) *Permanecido ele sentado.

64) *Vivido ele cansado.

Baseando-se nos testes propostos por Ciríaco e Cançado (2004), os VL só se mostraram típicos inacusativos quanto ao fato de não terem sujeito na sentença com papel temático de agente. Nos demais testes, o VL não apresenta características prototípicas de inacusatividade.

2.2 Testes de prototipicidade de inacusatividade na perspectiva de Mioto, Silva e Lopes (2004) e Nascimento (2002)

Os testes de inacusatividade propostos por Mioto, Silva e Lopes (2004) e Nascimento (2002) passaram por um recorte feito por Marchesan (2005). Esses são apresentados na tabela nas últimas três colunas, quer dizer, nas três colunas azuis. Em todos os três testes, a resposta foi a mesma: não houve verbos com propriedades típicas de inacusatividade. A seguir, tem-se a explicação para os testes 6, 7 e 8.

I) Teste 6

O teste de formação de nominais em (OR), proposto por Nascimento (2002), foi criado com o objetivo de identificar estruturas que selecionam argumento externo, pois a ocorrência do sufixo (OR) só se dá com argumentos que tenham papel temático de agente. Marchesan (2005, p. 89) exemplifica que em

65) O João escreve livros.

66) O João é um escritor.

67) O João cresceu rápido.

68) * O João é um crescedor.

o verbo crescer derivou uma sentença agramatical, pois apenas argumentos externos agentivos aceitam a formação de nominal com (OR).

Esse teste parece-se com o teste 1, "o que X fez foi". Tanto este teste 6, quanto o teste 1, quando apresentam na coluna da tabela o sinal (-), indicam que o verbo não possui características de verbos que selecionam argumento externo com papel temático de agente. Sendo assim, o teste 6, assim como o teste 1, demonstraram que o VL possui características sintáticas semelhantes ao verbo inacusativo.

II) Teste 7

O teste AVB→BV significa a alternância de AVB (argumento externo + verbo + argumento interno) por BV (argumento interno + verbo). Exemplos sobre essa alternância são:

69) Liza bateu a porta.

A porta bateu.

No exemplo acima, o verbo "bater" pode apagar o argumento externo e, por isso, tem estrutura inacusativa, apesar de ser biargumental. Entende-se que esse tipo de verbo é semanticamente causativo e, por isso, pode sofrer anticausativização, preservando apenas o argumento interno. Levando em conta que o VL não seleciona argumento externo, este não pode ser apagado pelo VL. Mesmo com o esforço para se fazer o teste, vê-se, com o exemplo abaixo, referente à frase (a) das sentenças pesquisadas, que não é possível.

70) A casa deles era uma atração também?

O máximo que se poderia fazer seria:

71) *Era a casa deles.

Portanto, por meio do teste AVB→BV, os VL não podem ser considerados inacusativos.

III) Teste 8

Este último teste foi utilizado para avaliar a prototipicidade do verbo inacusativo e verificar se o VL pode ser considerado como tal. Para isso, testou-se a alternância da ordem "*VB (*verbo +argumento interno) [PA] (preposicionado)" pela ordem "AVB (argumento externo + verbo + argumento interno)". Essa alternância pode ser exemplificada com:

72) Dá banana no meu sítio. → Meu sítio dá banana (MARCHESAN, 2005, p. 90).

(V) (B) → (PA) (A) (V) (B)

"Se imaginarmos que a direção da alternância AVB□BV é aquela que deriva inacusativos de transitivos, então temos aí um processo inverso que cria transitivos de inacusativos" (NASCIMENTO, 2002, p. 4). Essa criação de sentenças com verbos transitivos, a partir de verbos inacusativos, como demonstrou o exemplo (72), demonstra a possibilidade em transformar um sintagma preposicionado, como em "no meu sítio", em um sujeito sentencial como em "meu sítio". Observa-se que o verbo que inicialmente era inacusativo apresentará propriedades transitivas. Outras tentativas podem ser indicadas como:

73) Pousa avião no aeroporto. O aeroporto pousa avião.

74) Queima arroz nesta panela. Esta panela queima arroz.

No entanto, este teste não foi possível ser realizado com os VL. Se a sentença (b) "Os meninos estão nessa escola aqui atrás", passar pelo teste 8, tem-se a seguinte possibilidade:

75) *A escola está os meninos.

Chega-se ao final dos oito testes, concluindo que apenas os testes 1 e 6 comprovam que o VL apresenta propriedades típicas do comportamento inacusativo. Isso se conclui porque tanto o VL quanto verbo inacusativo não selecionam argumento externo com papel temático de agente. Nos demais testes, o VL não indica características sintáticas inacusativas. Até o momento, verifica-se que o VL não pode ser considerado sinônimo do verbo inacusativo. Este, diferentemente do VL, pode aceitar: adjuntos adverbiais télicos, como "em 15 minutos", posposição do sujeito, indeterminação do sujeito, particípio absoluto, alternância AVB□BV e VB(PA) → AVB.

2.3 Testes de gramaticalidade

Outro teste feito foi o de gramaticalidade ou julgamento gramatical. O objetivo desta testagem foi definir o que pode ser considerado como fala natural no português brasileiro e o que não indica naturalidade para falantes do PB. Buscou-se verificar sentenças com VL mais aceitas nessa língua. Para esse teste, baseou-se em Schütze (1996), sobre os conceitos de gramaticalidade e aceitabilidade estarem ligados a uma questão de competência linguística e não de desempenho, uma vez que esta pesquisa se ancora nos pressupostos chomskyanos. Entende-se, por "questão de competência linguística", que o entendimento para que uma sentença seja considerada mais natural do que outra, deve-se a uma estrutura sintática perfeita, ou seja, de acordo com os

parâmetros da língua a ser estudada.

Esta investigação levou em conta as afirmações de Cowart (1994, 1997) ao postular que não existem sentenças 100% aceitas ou 0% aceitas. Há sentenças altamente aceitáveis que para alguns informantes não são naturais, e outras pouco naturais, mas que informantes as consideram gramaticais. Há também que se considerar determinados contextos para algo agramatical poder ser considerado gramatical. No entanto, cientes de todas as especificidades do teste de julgamento gramatical, ele é referência há mais de 60 anos nas pesquisas em linguística e, para o objetivo da pesquisa, ele é ideal e suficiente.

O teste de gramaticalidade, nesta pesquisa, foi aplicado a 50 falantes do português brasileiros por meio da plataforma *SurveyMonkey*. Foi solicitado que os informantes escolhessem a sentença mais natural: com o sujeito preposto ao verbo ou com o sujeito posposto ao verbo. As opções de pares aplicadas foram:

a) Minha memória é fraquíssima. / É minha memória fraquíssima.

b) Eles estavam criando jacarés. / Estavam eles criando jacarés.

c) Bruna continua triste. / Continua Bruna triste.

d) Julia parece empolgada com o mestrado. / Parece Julia empolgada com o mestrado.

e) Ele tornou-se um grande amigo. / Tornou-se ele um grande amigo.

f) Fernando anda muito cansado. / Anda Fernando muito cansado.

g) Todos ficaram impressionados. / Ficaram todos impressionados.

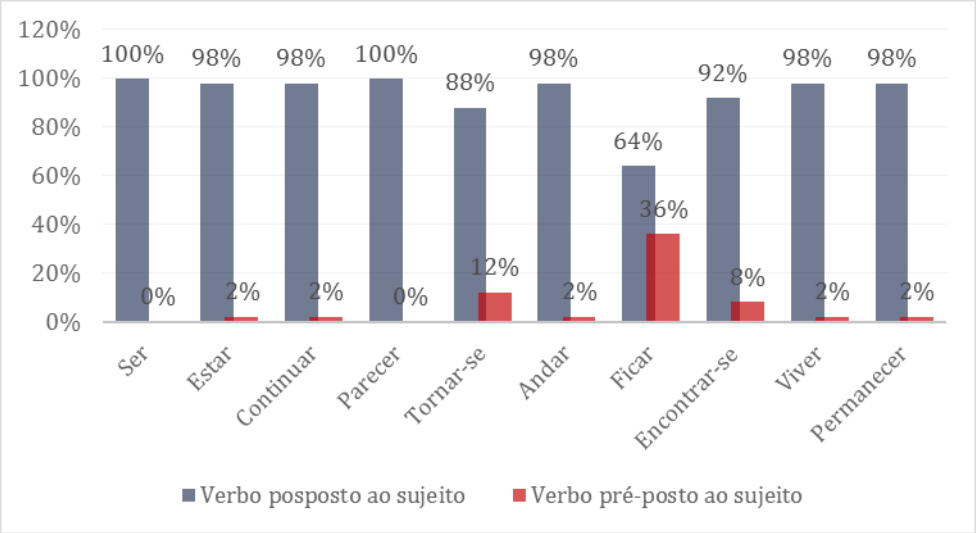
h) A Marcela encontra-se na secretaria. / Encontra-se a Marcela na secretaria.

i) Eles vivem fora do país. / Vivem eles fora do país.

j) Brenda permanece sentada. / Permanece Brenda sentada.

Contabilizou-se que 100% dos informantes afirmaram que a sentença com o sujeito preposto aos verbos "ser" e "parecer" é mais natural. Em relação aos verbos "estar, continuar, andar, viver e permanecer", 98% dos informantes disseram que a sentença com o sujeito preposto aos verbos é mais natural. 92% dos informantes afirmaram que a sentença com o sujeito preposto ao verbo "encontrar-se" é mais natural. A sentença com o sujeito preposto ao verbo "tornar-se" é mais natural para 88% dos informantes e 64% dos informantes afirmaram que a sentença com o sujeito preposto ao verbo "ficar" é mais natural. O gráfico que mostra as diferenças entre aceitabilidade desses verbos pode ser visto a seguir:

Gráfico 1- Aceitabilidade do sujeito preposto ao VL



Fonte: elaborada pelos autores

Após a aplicação do teste de gramaticalidade, pode-se afirmar, segundo os dados obtidos demonstrados no gráfico acima, que o VL não pode ser posposto ao verbo, pois a sentença nessa ordem não é natural no português brasileiro. Para confirmar o que já foi verificado na seção 2.1 e 2.2, o VL não seleciona argumento externo, comportamento que é semelhante ao verbo inacusativo. No entanto, ele também não apresenta as demais caraterísticas que os inacusativos apresentam. O que se vê é que o VL apresenta traços de inacusatividade, mas isso não faz dele um verbo inacusativo.

3 Natureza sintática do VL

Diante das comparações feitas nas seções anteriores, esta terceira seção reúne as características que demonstram diferenças entre VL e demais verbos, são elas:

a) O VL não seleciona um argumento, seleciona uma *small clause*;

b) O único VL que pode ser considerado como verbo de cópula é o verbo "ser";

c) O VL apresenta conteúdo semântico, pois pode indicar aspecto télico ou atélico;

d) O VL não permite a posposição do sujeito;

e) Apesar de não selecionar argumento externo, comportamento também verificado nos verbos inacusativos e nos verbos de alçamento, o VL não pode ser considerado semelhante a esses dois verbos, pois não é prototípico, ou seja, não apresenta todos os comportamentos sintáticos que os verbos inacusativos e de alçamento apresentam.

Tradicionalmente, os verbos de ligação são conhecidos por expressar "estados permanentes, estados transitórios, mudanças de estado, continuidade de estado e aparência de estado" (OLIVEIRA, 2001, p. 17). Isso corrobora o raciocínio que indica que a estrutura de uma

sentença com VL seja diferente, por exemplo, de uma estrutura de uma sentença com verbos transitivos e intransitivos.

A sentença com VL parece exigir um sintagma de SC, a qual se compõe de um sintagma determinante (DP) e de um Sintagma Adjetival (AP). Estruturas com VL indicam a necessidade de um sintagma para SC e reformulação da estrutura sintática tradicionalmente conhecida e composta por um VP, uma vez que os verbos acomodados em VP atribuem papel temático aos seus argumentos. No caso do VL, os argumentos estariam inseridos em uma SC, o que demandaria nova estrutura.

3.1 Verbo de ligação e estrutura sintática

Nesta última seção do artigo, tem-se a proposta desta pesquisa para uma nova estrutura sintática nos casos de sentenças que apresentam VL. Esta seção inicia-se com explanações acerca da estrutura sintática atual, para todos os tipos verbais, em conformidade aos estudos gerativistas. Ao longo dessa sistematização, são apresentadas as sugestões de mudança na derivação das sentenças com VL.

Partindo dos estudos sobre a formação da sentença na Sintaxe, observa-se que há posições em que são atribuídos os papéis temáticos e outras em que isso não ocorre. Para a Teoria Gerativa, o papel temático pode ser atribuído no VP, mas não no TP ou CP. Isso porque um "SN é o mecanismo linguístico que permite a identificação de seu status como argumento (externo ou interno) e é essa identificação que nos indicará o papel temático a ser atribuído a tal sintagma" (KENEDY, 2013, p. 240). Assim, ele é atribuído no especificador e no complemento de VP, posição em que a sentença é formada inicialmente e o verbo aparece em sua forma finita.

Os papéis temáticos são as funções as quais o verbo atribui ao sujeito e seus complementos. Esse conceito foi introduzido por Gruber (1965) que os nomeava de relações temáticas, por Fillmore (1968) que os chamava de casos semânticos profundos e por Jackendoff (1972) que os denominava de papéis temáticos (RADFORD, 2004). Para a Teoria Gerativa, "os papéis temáticos são traços inscritos nas propriedades de seleção de um item lexical predicador. Tais traços são relevantes para a interface conceitual da linguagem humana" (KENEDY, 2013, p.161). Dessa forma, esses traços formais viriam inscritos no item lexical e seriam marcados nos argumentos na operação *merge*. Essa operação ocorre de maneira composicional, pois, no momento em que o verbo mais o argumento interno se unem, os traços semânticos de um são concatenados ao do outro e juntos vão estabelecer um papel temático ao argumento. No entanto, no caso de VL, não há argumentos.

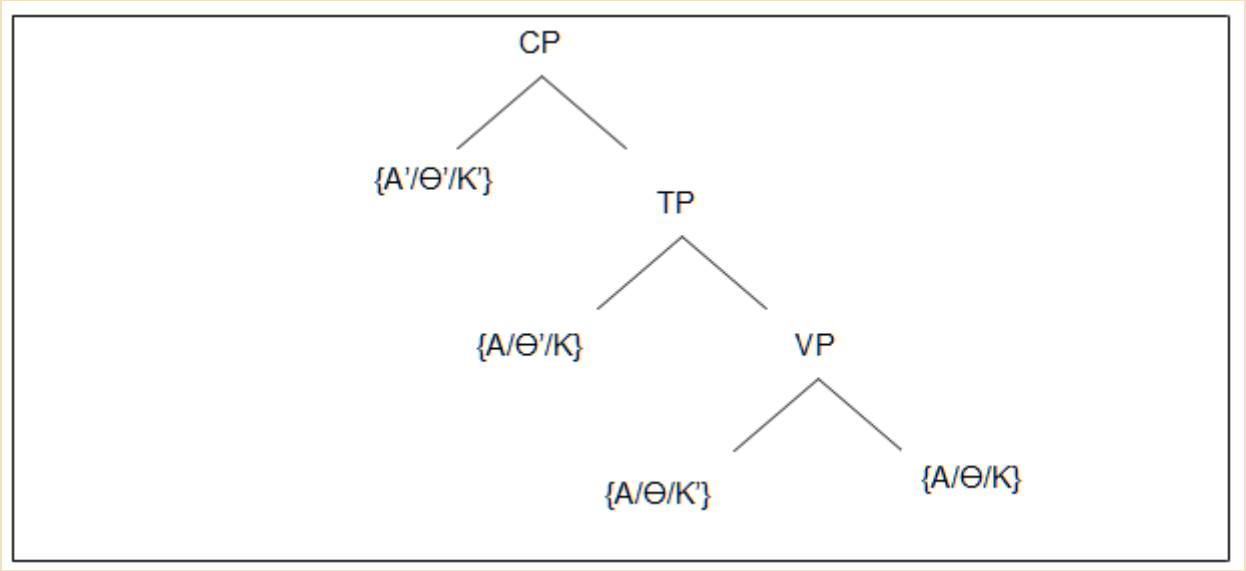
O sistema define a estrutura argumental e a grade temática. A marcação de papel temático ocorre primeiro, assim "nenhum elemento pode ser movido para uma posição temática. Quando um argumento é movido para uma posição Casual, já não pode ser movido de novo visto que todas as condições relevantes se encontram agora satisfeitas" (CHOMSKY, 1995, p. 91). Vê-se que "a relação núcleo-complemento é mais local, fundamental e relacionada ao papel temático", já "a relação Especificador mais núcleo é restante" (CHOMSKY, 1995, p. 249).

Portanto, sobre atribuição de papéis temáticos, quando há VL na sentença, ele não é o predicador, assim ele não seleciona argumento, nem pode atribuir papel temático. O que ocorre nesses casos é que o AdjP da *small clause* faz o papel de predicador da sentença e ele seleciona um DP como argumento externo. Nessa relação, apenas o predicador atribui papel temático ao DP da *small clause*.

Partindo para o entendimento sobre atribuição de Caso em sentenças com verbo de ligação, sabe-se que, na especificação de Caso, definem-se também os argumentos, pois "A função do caso consiste em tornar uma cadeia argumental visível para a marcação temática" (CHOMSKY, 1995, p. 91). Por exemplo, se o Caso for nominativo, será associado ao argumento externo. Se for acusativo, ao primeiro argumento interno, ou ablativo, ao segundo argumento interno. Uma propriedade auxilia a definição de outra, pois, da mesma forma que um Caso nominativo se relaciona a um argumento externo, a possibilidade de o papel temático ser agente ou experienciador é muito maior do que ser tema ou beneficiário, por exemplo.

A figura a seguir demonstra a estrutura da sentença e as posições em que os papéis temáticos, os argumentos e o Caso são originados.

Figura 1- Posições de Caso, Argumento e Papel Temático



Fonte: Kenedy, 2013, p. 239.

Sabe-se que a formação da sentença se inicia no VP, como se pode verificar na base da estrutura contida na figura 1 e, nessa posição, tanto no especificador, quanto no complemento, há atribuição de papel temático (Θ) e, consequentemente, pode-se afirmar que são posições argumentais (A). Como se vê na figura anterior, o Caso (K) é atribuído apenas no complemento de VP, uma vez que, nessa posição, o VP licencia o Caso acusativo, porém na posição de especificador de VP não se atribui Caso. É também nesta primeira fase da construção da sentença que o verbo aparece na forma não finita, ainda sem os traços categóricos.

Em TP, no especificador, há a posição argumental (A) e de atribuição de Caso (K), mas não se modifica ou recebe nenhum outro papel temático (Θ'). Isso ocorre porque é no especificador

de TP que o Caso nominativo é licenciado, pois é a posição de sujeito. É também em TP que o verbo receberá os traços de tempo. Ele se movimenta de VP e, já com o Caso nominativo licenciado, poderá fazer toda a concordância recebendo os traços de tempo, pessoa, número, modo e aspecto. É importante notar que, como o Caso acusativo se dá na primeira fase, os argumentos interno e externo são localizados. E ao movimentar o argumento externo para o especificador de TP, ele recebe Caso nominativo e auxilia no recebimento de traços do verbo.

Por fim, em CP não se atribui papel temático (Θ'), nem Caso (K'). Tampouco é uma posição argumental (A'). Nessa fase, a sentença já está praticamente formada. O que ocorre nesse momento é a definição do que se chama de força ilocucional da sentença. Por exemplo, em

76) "Liza comprou que doce",

"que doce" inicialmente ocupa o complemento de VP, recebe Caso, argumento e papel temático. Por fim, é possível que ele vá para especificador de CP apenas para topicalizar a sentença transformando-a em

77) "Que doce Liza comprou?".

O detalhamento de posição na formação da sentença pode colaborar no entendimento de questões como o tipo de verbo, por exemplo. Ao atribuir essas propriedades, identifica-se se o verbo é inacusativo, transitivo, mas não de ligação. É a partir dessa explanação sobre a formação da sentença com demais verbos que se conclui que os VL apresentam especificidades nas quais a estrutura tradicional e suas operações, descritas acima, não são suficientes para acomodar os VL.

Além da *small clause* ter suas peculiaridades na atribuição de papel temático, como já foi explicado anteriormente, no interior da *small clause*, não há atribuição de Caso para esses argumentos, pois o núcleo da *small clause* é formado por DP ou AdjP e, como são nomes, não há Caso. Por isso, o DP (como argumento externo) precisa se movimentar para especificador de TP e, assim, receber os traços categorias de Caso nominativo, devido à flexão do verbo de ligação que já teria também se movido para receber os traços de concordância. Atribuição de Caso na *small clause* só ocorreria se houvesse um núcleo regido por uma preposição, como, por exemplo:

78) Professor consciente <u>do</u> problema.

"Do problema", receberia papel temático de tema, atribuído pelo predicador "consciente"; "professor" receberia o papel temático de experienciador, como argumento externo de "consciente do problema". E "do problema" teria Caso e papel temático, portanto não se moveria. Porém, não havendo preposição no interior da *small clause*, não há também atribuição de Caso.

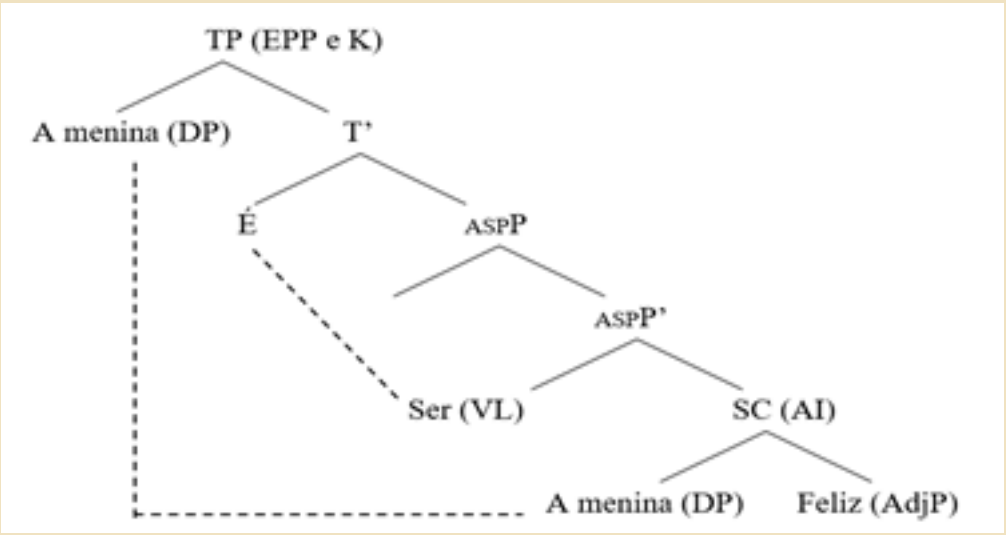
A estrutura tradicionalmente conhecida composta por Sintagma Complementizador (CP), Sintagma Flexional/de Tempo (TP) e Sintagma Verbal (VP) parece não abarcar as especificidades de sentenças com VL e *small clause* (SC). Como se viu, o verbo de ligação não é predicador e não seleciona argumentos externo e interno(s), com isso não atribui aos argumentos papel

temático ou Caso. Parece necessária a substituição do VP por um sintagma de *small clause* (SCP). Também parece necessária a substituição do TP por outro sintagma, para descrever a posição de surgimento do VL, pois, na estrutura tradicional, o verbo tem sua posição inicial em VP e teria seus traços formais valorados em TP. Entretanto, com o SCP, não há posição para acomodar o verbo de ligação. É necessária a existência de um sintagma funcional para acolher o verbo de ligação em sua forma finita. Posteriormente, o VL ocuparia o núcleo de TP.

Esta pesquisa encaminha-se para a conclusão de que a estrutura sintática com verbo de ligação seja composta por TP, AspP e SCP. Sugere-se que o sintagma para SC seria composto por um DP e um AdjP. O AdjP atribuiria papel temático ao seu argumento externo DP. O verbo de ligação seria acomodado em Asp', em sua forma finita, como posição inicial e moveria da sua posição de origem para uma posição mais alta para que os traços de concordância sejam valorados. Com o verbo em núcleo de TP, o especificador desse sintagma precisaria de um elemento, com traços D, para satisfazer os traços EPP. Nesse caso, o argumento externo da SC moveria para posição de especificador de TP e a derivação sintática finalizaria.

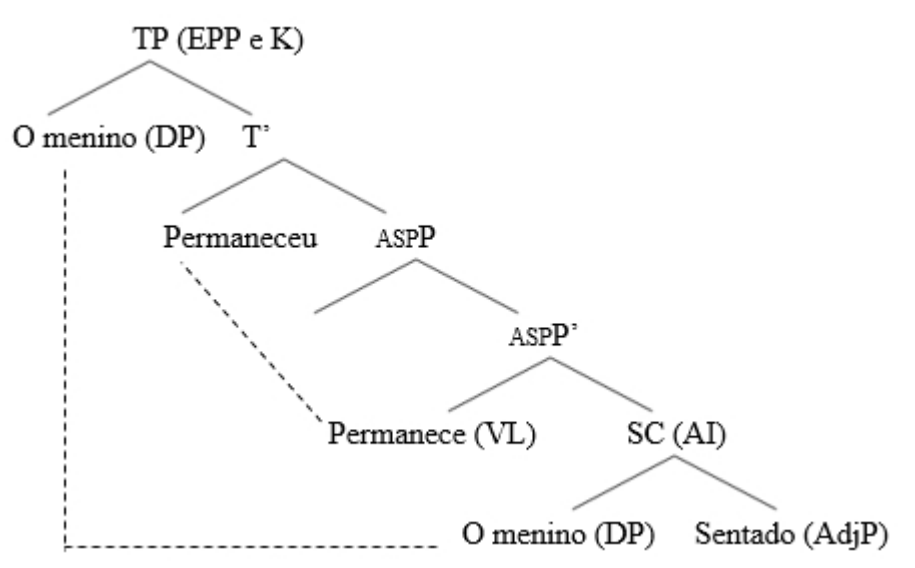
Com essa nova estrutura, a presença de VL exige Sintagma Aspectual e Sintagma para *small clause*. O Sintagma Aspectual (AspP), como sintagma funcional para acomodar o VL, na forma finita, recebe as noções funcionais do VL e indica, além de traços formais, a noção semântica aspectual atélica, como verbo de estado, conforme verificado nos testes de prototipicidade. Os testes demonstraram como o VL não pode ser incluído em uma noção de atividade ou processo, mas apenas de estado. Esse aspecto lexical do verbo de ligação, visto na primeira seção deste texto, insere-se no AspP. Como proposta apresentada, a nova estrutura seria da seguinte forma:

Figura 2- Indicador sintagmático para verbos de ligação e small clause (A)



Fonte: elaborada pelos autores

Figura 3- Indicador sintagmático para verbos de ligação e small clause (B)



Fonte: elaborada pelos autores

As figuras 2 e 3 indicaram que, em estruturas com VL, se faz necessário um sintagma para *small clause* em substituição ao VP. Como o VL não é predicador, esta pesquisa propôs que os VL sejam originados nos sintagmas aspectuais. Por fim, os movimentos se dariam de forma semelhante às demais estruturas.

4 Considerações finais

Os VL, por vezes, são associados como sinônimos dos verbos de alçamento, verbos de cópula ou verbos inacusativos. Um dos objetivos desta pesquisa foi verificar se o verbo de ligação pode ser conceituado também com a classificação desses verbos, como tendo os mesmos conceitos. Para isso, buscaram-se as características de cada tipo verbal e em que medida o verbo de ligação poderia ser considerado como tal. Verificou-se que o VL possui traços comuns aos verbos copulares, aos verbos de alçamento e aos verbos inacusativos, porém a intercessão que se constrói, a partir dos traços comuns entre o VL e os demais três tipos verbais, não é suficiente para afirmar que verbo de ligação seja sinônimo de qualquer outro tipo de verbo.

Como características do VL, observa-se que ele não seleciona argumento externo, mas seleciona um sintagma de *small clause* como argumento interno; não impõe restrição semântica ao sujeito estrutural e não aceita a posposição do sujeito de forma natural, como ocorre com verbos inacusativos. O VL não atribui Caso nominativo em sua forma finita, uma vez que isso só ocorre após os traços de flexão serem valorados e após o argumento externo da *small clause* se movimentar para uma posição mais alta com o objetivo de receber os traços EPP.

Nos casos em que a sentença apresenta verbo de ligação e *small clause*, não será possível manter a estrutura sintática tradicionalmente conhecida, pois as posições de VP e TP são insuficientes para acomodar as especificidades do verbo de ligação e *small clause*, uma vez que

não há seleção de argumentos, atribuição de papel temático e Caso nas posições iniciais, como ocorre em VP.

Esta pesquisa sugere uma nova estrutura nos casos em que haja na sentença VL e SC. A nova estrutura é composta por CP, TP, AspP e SCP. A formação da sentença se dá com a composição do SCP, o sintagma de *small clause*, este como sintagma mais baixo da estrutura. No SCP há o um DP e um AdjP. O sintagma adjetival será o predicador da *small clause* e selecionará o DP como seu argumento externo. Como são dois nomes, não há atribuição de Caso. O VL será originado em um sintagma funcional, o AspP. Além de acomodar o verbo de ligação, esse sintagma acomoda os traços de atelicidade do VL, ou seja, o aspecto semântico. Em seguida, VL, ainda em sua forma finita, ocuparia o núcleo de TP para receber traços de flexão, quer dizer, tempo, modo, pessoa, número e aspecto gramatical, este indicado pelo morfema flexional. Para satisfazer os traços EPP, o argumento externo da *small clause*, ocuparia o especificador de TP e a flexão do VL atribuiria a esse argumento externo da *small clause* que passa a ocupar a posição de sujeito o Caso nominativo.

Com a estrutura proposta, as noções de Caso, papel temático, seleção de argumento, s- seleção e c-seleção seriam respeitadas e satisfeitas sem restrição.

Referências

BURZIO, Luigi. **Anatomy of a Generalization. Arguments and Case**: Explaining Burzio's Generalization, ed. Eric Reuland, 195-240. Amsterdam: John Benjamins. 2000.

CHOMSKY, Noam. **The minimalist program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, Noam. **A minimalist program for linguistic theory.** MIT Occasional Papers in Linguistics 1. Cambridge: MITWPL, 1992.

CIRIACO, Larissa; CANÇADO, Márcia. Inacusatividade e inergatividade do PB. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.46, n.2, p. 207-225, jul/dez. 2004.

COWART, Wayne. Anchoring and grammar effects in judgments of sentence acceptability. **Perceptual and Motor Skills**, v.3, p. 1171-1182, 1994.

COWART, Wayne. **Experimental Syntax**: Applying Objective Methods to Sentence Judgments. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1997.

FILLMORE, Charles J. The case for case. In: BACH, e; HARMS, R. **Universals in linguistic theory.** New York: Holt, Rinnehart and Winston, p.1-88, 1968.

FRASCARELLI, M.; RAMAGLIA, F. **(Pseudo)cleft Constructions at the Interfaces**. 2009. Lingbuzz. <http://ling.auf.net/lingBuzz/000841>

GRUBER, Jeffrey S. Studies In lexical relations. 1976. Tese (Doutorado). MIT, 1965; reeditado como parte de **Lexical Structures in syntax and semantics**. Amsterdam.; North Holland, 1976.

HIGGINS, Francis Roger. **The Pseudo-cleft Construction in English**. 1963. 361 f. Thesis (Doctorate degree, Ph.D.) - Department of Foreign Literatures and Linguistics, Massachusetts Institute of Technology, 1976.

HENRIQUES, Fernando Pimentel. **Construções com verbos de alçamento:** um estudo diacrônico. 2008. 102 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2008.

HENRIQUES, Fernando Pimentel. **Construções com verbos de alçamento que selecionam um complemento oracional:** uma análise comparativa do PB e PE. 2013. 141 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2013.

HEYCOCK, Caroline. The Internal Structure of Small Clauses: New Evidence from Inversion. In: **Proceedings of the North East Linguistic Society** *(NELS)*, vol. 25, n. 5, 1995. Disponível em:

< http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.53.3446&rep=rep1&type=pdf >. Acesso em: 08 jun. 2018.

JACKENDOFF, Ray S. **Semantic interpretacion in generative grammar**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1972.

KATO, Mary A.; NASCIMENTO, Milton do. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**: a Construção da Sentença. São Paulo: Contexto, 2015.

KATO, Mary A. **Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter**. PROBUS, 01-37, 1999.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

MARCHESAN, Ani Carla. Aspectos da predicação verbal do Português brasileiro. **Revista Idéias,** 22 ed. Jul./dez. 2005.

MATEUS, Maria Helena Mira. et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. 2 ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

MATOS, Maria Gabriela Ardisson Pereira. **Clítico Verbal Demonstrativo**. 1985. Monografia (Mestrado por equivalência) - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1985.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcelos. *Novo* **Manual de Sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

MOENS, Marc; STEEDMAN, Mark. Temporal Ontology and Temporal Reference. **Computational Linguistics,** vol. 14, n. 2, p. 15-28, Jun. 1998.

NASCIMENTO, Silvia Helena. Aspectos da inacusatividade do PB. **Expressão** - Revista do Centro de Artes e Letras. Santa Maria, vol. 1, n. 2, p. 90-96, jul./dez. 2002.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Pereira. **As frases copulativas com ser:** natureza e estrutura. 2001. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2001.

RADFORD, Andrew. **Minimalist Syntax:** Exploring the Struture of English. New York: Cambridge University Press, 2004. (Cambridge Textbooks in Linguistics).

SCHÜTZE, Carson T. **The empirical base of linguistics:** Grammaticality judgments and linguistic methodology. Chicago: University of Chicago Press, 1996. (Classics in Linguistics, 2).

TRAVAGLIA, Luiz Carlos**. Verbos de ligação:** itens lexicais ou gramaticais?. Estudos Lingüísticos, Campinas, SP, v. XXXIII, p. 01□06, 2004. ISSN/ISBN: 14130939.

WOOLFORD, Ellen. Burzio's Generalization, Markedness, and Locality constraints on

Nominative Objects. In: BRANDNER, Ellen; ZINSMEISTER, Heike (Ed.). **New Perspectives on Case Theory.** Stanford, CA: CSLI Publications, 2003. Cap. 10, p. 299–327. (CSLI Lecture Notes, n. 156).

XAVIER, Gláucia do Carmo. **O estudo do aspecto em uma perspectiva minimalista**: representação sintática e relações com categorias funcionais e lexicais. 2016. 236 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Pontifícia Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.